

CADERNOS MUSEU DA VIDA

1

ESTATÍSTICAS DE VISITAÇÃO
1999 A 2007

CADERNOS MUSEU DA VIDA | Nº 1

ESTATÍSTICAS DE VISITAÇÃO 1999 A 2007

José Sergio Damico & Denise Coelho Studart

CADERNOS MUSEU DA VIDA
ESTATÍSTICAS DE VISITAÇÃO 1999 A 2007
Nº 1 | 2008

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Presidente: Paulo Marchiori Buss

CASA DE OSWALDO CRUZ
Diretora: Nara Azevedo

DEPARTAMENTO MUSEU DA VIDA
Chefe do Deptº: Pedro Paulo Soares

NÚCLEO DE ESTUDOS DE PÚBLICO E AVALIAÇÃO EM MUSEUS - NEPAM
Chefe do Núcleo: Denise Coelho Studart

Catálogo na fonte: Biblioteca do Museu da Vida

D158e Estatísticas de visitação: 1999 a 2007. / José Sérgio Damico e Denise Coelho Studart. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida, 2008. (Cadernos Museu da Vida; 1). 35p.

Bibliografia: p. 33.
ISBN 978-85-85239-45-9

1. Museus. 2. Avaliação. 3. Indicadores quantitativos.
4. Estatística. I. Museu da Vida. Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus - NEPAM. II. Damico, José Sérgio. III. Studart, Denise Coelho. IV. Título. V. Série.

CDD - 069.0981

PROJETO GRÁFICO
Mariana Oscar
Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica - Museu da Vida

REVISÃO
Ronaldo Polito de Oliveira

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Ingrid Silva de Lima
Taiana Jung

AGRADECIMENTOS
Adriana Mortara Almeida
José Matias de Lima
Luciana Sepúlveda Köptcke
Pedro Paulo Soares

Contatos pelo e-mail nepam@coc.fiocruz.br

SUMÁRIO

CARTA DOS AUTORES	05
AS SÉRIES HISTÓRICAS UM QUADRO COMPARATIVO NO TEMPO	07
O MUSEU DA VIDA E O PÚBLICO: TIPOS DE VISITAS E ATIVIDADES	08
Circuito de Visitação	08
Outras atividades (intra/extramuros e virtuais)	08
COMPOSIÇÃO E EVOLUÇÃO DO VOLUME GLOBAL DE VISITANTES DO MUSEU DA VIDA	09
Visitação presencial aos espaços, exposições e atividades do Museu da Vida (intra e extramuros)	09
Evolução do volume de visitantes ao longo dos anos	10
MÉDIAS MENSAIS DE VISITAÇÃO PRESENCIAL AO MUSEU DA VIDA: ATIVIDADES INTRA E EXTRAMUROS	13
VISITAS PRESENCIAS AO MUSEU DA VIDA, CAMPUS DE MANGUINHOS: O CIRCUITO DE VISITAÇÃO	15
Alta e baixa temporadas: as visitas ao circuito de janeiro a dezembro de cada ano	17
VISITAS AGENDADAS AO CIRCUITO: O PERFIL DO PÚBLICO	19
Faixas etárias	19
Escolaridade	21
Tipos de instituições visitantes	23
EXPOSIÇÕES: UMA CATEGORIA DE ATIVIDADE ESTRATÉGICA	25
Exposições temporárias versus itinerantes: uma análise dos volumes de público	25
Os volumes de público das exposições (intra e extramuros)	26
FINALIZANDO	29
RESUMO DESTA EDIÇÃO	31
FONTES	33
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	33

Carta dos Autores

Desde a inauguração do Museu da Vida, em maio de 1999, foi iniciada uma coleção. Era uma coleção de dados de visitação ao Museu da Vida. A guarda dessas informações ainda não tinha um objetivo claro, nem um plano associado. Era uma preocupação de não perder, com o tempo, algo que poderia ter valor, um valor potencializado pelo próprio tempo. Portanto, guardar ou não guardar aqueles dados era uma decisão que não podia esperar por outro momento mais adiante.

Com nove anos de coletas, hoje podemos dispor de gráficos, estudos e dados comparativos partindo das diversas planilhas de informações. A partir da criação do Núcleo de Estudos de Públicos e Avaliação em Museus - NEPAM queremos cumprir uma nova etapa, que é divulgar, de maneira sistemática, os conteúdos estatísticos com análises e comentários sobre o que eles podem significar. Surge daí o conceito deste boletim de Estatísticas de Visitação como parte dos Cadernos Museu da Vida.

Este primeiro número traz uma visão geral dos dados disponíveis, com informações referentes aos públicos que visitaram as diversas atividades do Museu da Vida desde 1999. Foram privilegiadas as informações relativas ao volume de visitas e à composição desta massa de acordo com os tipos de atividades.

A cada nova edição serão apresentadas análises de dados que ainda não tenham sido contemplados nos números anteriores, além de uma seção de destaque, onde um tema escolhido virá abordado com maiores detalhes.

Além disso, o *Caderno* procurará ser um canal de discussão, estando permanentemente aberto aos questionamentos e sugestões dos seus leitores. Isto significa que qualquer pessoa que, por exemplo, discorde de uma análise ou de uma conclusão apresentada, poderá encaminhar mensagem via e-mail expondo seu ponto de vista. Havendo relevância e pertinência, o assunto retornará no número seguinte, em seção específica, destacando a sugestão incorporada ou comentários.

Nos intervalos entre as edições, qualquer questão também poderá ser discutida pessoalmente com o NEPAM. A intenção é que o processo de discussão permanente venha a contribuir para alcançar não apenas a maior precisão dos dados estatísticos, mas, principalmente, a maior fidelidade dos registros da história do Museu da Vida. Sobre a importância desta função, encontramos em Penna Firme (2003) a seguinte afirmação: *Cada avaliação deve, pois, revestir-se de características próprias de acordo com o contexto social, político, cultural e educacional onde se realiza e de forma tal que o avaliador é essencialmente um historiador, que descreve, registra e interpreta a história singular de cada cenário. É com essa abordagem que a avaliação atinge um clímax de responsabilidade e de participação como facilitadora de um processo de fortalecimento do seu objeto de atenção, seja ele um programa, uma instituição, um sistema ou indivíduos. Nesse sentido, ela intervém para reforçar potencialidades e sucessos, em vez de simplesmente registrar dificuldades e fracassos.*

Boa leitura!

As Séries Históricas

Um quadro comparativo no tempo

Os dados que utilizamos neste primeiro número do *Cadernos do NEPAM* - e provavelmente nos próximos números, já que este não esgota a análise do conteúdo da base - são frutos de contagens mensais de visitantes a diversas atividades do Museu da Vida desde 1999 até os dias atuais. A fonte das informações é a base de dados do SAR (Sistema de Avaliação e Registro de Visitas do Museu da Vida) que opera desde a inauguração do Museu em 1999, registrando todas as visitas efetivamente realizadas, incluindo o perfil dos visitantes e as características das visitas. Por força da regularidade dos intervalos de tempo e pela continuidade dos registros (não interrupção), caracterizam-se por serem *séries históricas*.

O que é muito valioso nas séries históricas é que elas viabilizam a modelagem e estimativas, inclusive com projeções para o futuro. Muito importante, também, é a possibilida-

de de avaliar o comportamento dos dados das séries, facilitando a determinação dos fatores críticos e até relações de causa-efeito (Latorre e Cardoso, 2001).

Há várias ferramentas estatísticas para o trato dos dados, dependendo do tipo de série analisada e do que se deseja obter das informações.

Neste primeiro número, que pretende ser um demonstrativo inicial do potencial da base, o estudo limita-se à contagem dos eventos e sua apresentação sob forma de frequências absolutas, frequências relativas (percentagens) e médias aritméticas, dependendo do assunto abordado. Futuras análises deverão incorporar outras medidas, tanto de comparação entre os diferentes dados quanto de projeção.

Na maioria dos casos demos preferência aos gráficos de linha por permitirem uma "leitura" mais fácil, proporcionando maior sensação de

passagem de tempo. Quando a intenção foi a de demonstrar a participação das partes na constituição de um todo sob forma percentual, preferimos o gráfico circular, ou pizza. O gráfico de barras foi utilizado em situações que a visualização ou comparação dos dados pudesse ser privilegiada.

De forma geral, preferimos a busca pela simplificação, pelo menos neste início, em parte porque é grande a quantidade de informações armazenadas, gerando um rol complexo de possibilidades de apresentação e, em parte, porque, concordando com Minayo e Sanches(1993), precisamos alcançar o maior valor prático possível, evitando as complicadas descrições matemáticas.

Para não tornar o *Caderno* muito "pesado" optamos por apresentar apenas os gráficos, omitindo as tabelas que lhes dão origem. Os leitores que necessitem consultar as tabelas dos dados poderão solicitá-las por e-mail (nepam@coc.fiocruz.br).

O Museu da Vida e o Público

Tipos de visitas e atividades

Para garantir a clareza da abordagem deste trabalho, é importante ressaltar os conceitos que utilizamos na sua elaboração.

Identificamos duas grandes categorias preliminares: as visitas *presenciais* e as *não presenciais* (ou *virtuais*). A primeira concentra as atividades que contaram com a presença física do visitante e a segunda agrega as visitas (ou acessos) aos produtos do Museu da Vida através da Internet (site do Museu da Vida e site InVivo).

O grupo das visitas presenciais se subdivide em dois subgrupos: um de visitantes a atividades *Intramuros* (ou seja, aquelas realizadas dentro de instalações físicas da Fiocruz) e outro de visitantes a atividades *Extramuros* (que são aquelas atividades montadas em locais fora da Fiocruz).

As nomenclaturas adotadas para os tipos de visitas e atividades do Museu da Vida relacionadas com atendimento ao público foram classificadas em dois grandes blocos: a) *Circuito de Visitação*¹ e b) *Outras Atividades do Museu para a Sociedade* (resumidamente, *Outras Atividades*). Cada um desses blocos se subdivide em:

Circuito de Visitação

1. Visitas Agendadas

Visitantes que vêm, em grupos ou não, a partir de agendamento prévio com o Centro de Recepção, e que cumprem um roteiro pré-determinado pelos espaços de visitação no campus da Fiocruz. Em geral, são constituídos por grupos escolares, mas também por associações ou outros grupos organizados (terceira idade, escoteiros, comunidades etc.)

2. Visitas Livres

Visitantes espontâneos que realizam a visita ao Museu da Vida sem comunicação prévia ao Centro de Recepção e que acessam as áreas de visitação de forma livre e não roteirizada. Embora com maior incidência nos fins-de-semana, as visitas livres podem ocorrer também durante a semana.

Outras Atividades (intra/extramuros e virtuais)

1. Exposições (Temporárias e Itinerantes)

São as exposições montadas tanto nos espaços do Museu da Vida, no campus da Fiocruz, quanto em locais externos. Cumprem temporadas específicas, que variam dependendo de diversos motivos. As exposições itinerantes caracterizam-se por serem montadas e desmontadas em diferentes ocasiões e locais.

2. Eventos (feiras, palestras, seminários etc)

São as atividades realizadas em ocasiões especiais (como Semana de C&T, Dia da Criança, Semana do Meio Ambiente etc) ou direcionadas para públicos específicos, com o fim de promover a divulgação científica (como palestras, encontros, cursos etc.)

3. Fiocruz Pra Você

Embora se configure como um evento, o Fiocruz Pra Você é tratado como item à parte, em função de sua natureza peculiar (evento da Fiocruz, com forte participação do Museu da Vida), em que há necessidade de adotar critério próprio de quantificação de público, por não haver meios de contagem formal.

4. Ciência Móvel (Caminhão itinerante)

É considerado como um item particular pela sua característica única de itinerância e por ser uma estrutura independente das demais áreas do Museu que lidam com os públicos.

5. Internet (Site do Museu da Vida e In Vivo)²

Visitas não presenciais ao Museu da Vida, podendo ser ou não consideradas no volume global de visitas.

¹ As nomenclaturas dos tipos de visita e atividades do Museu da Vida adotadas não se referem à sua estrutura formal, como aparecem no organograma da instituição. Assim, quando dizemos "Circuito de Visitação" nos referimos ao conjunto de atividades que formam o roteiro de atrações disponibilizadas ao público no campus da Fiocruz, e não ao "Serviço de Visitação e Atendimento ao Público". Da mesma forma "Exposições" não se refere à "Seção de Exposições" do "Serviço de Museologia", mas ao conjunto de atividades expositivas realizadas pelo Museu da Vida.

² Para ter acesso aos produtos do Museu da Vida na Internet, utilizar os seguintes endereços: www.museudavida.fiocruz.br e www.invivo.fiocruz.br

Composição e evolução do volume global de visitantes do Museu da Vida

Visitação presencial aos espaços, exposições e atividades do Museu da Vida (intra e extramuros)

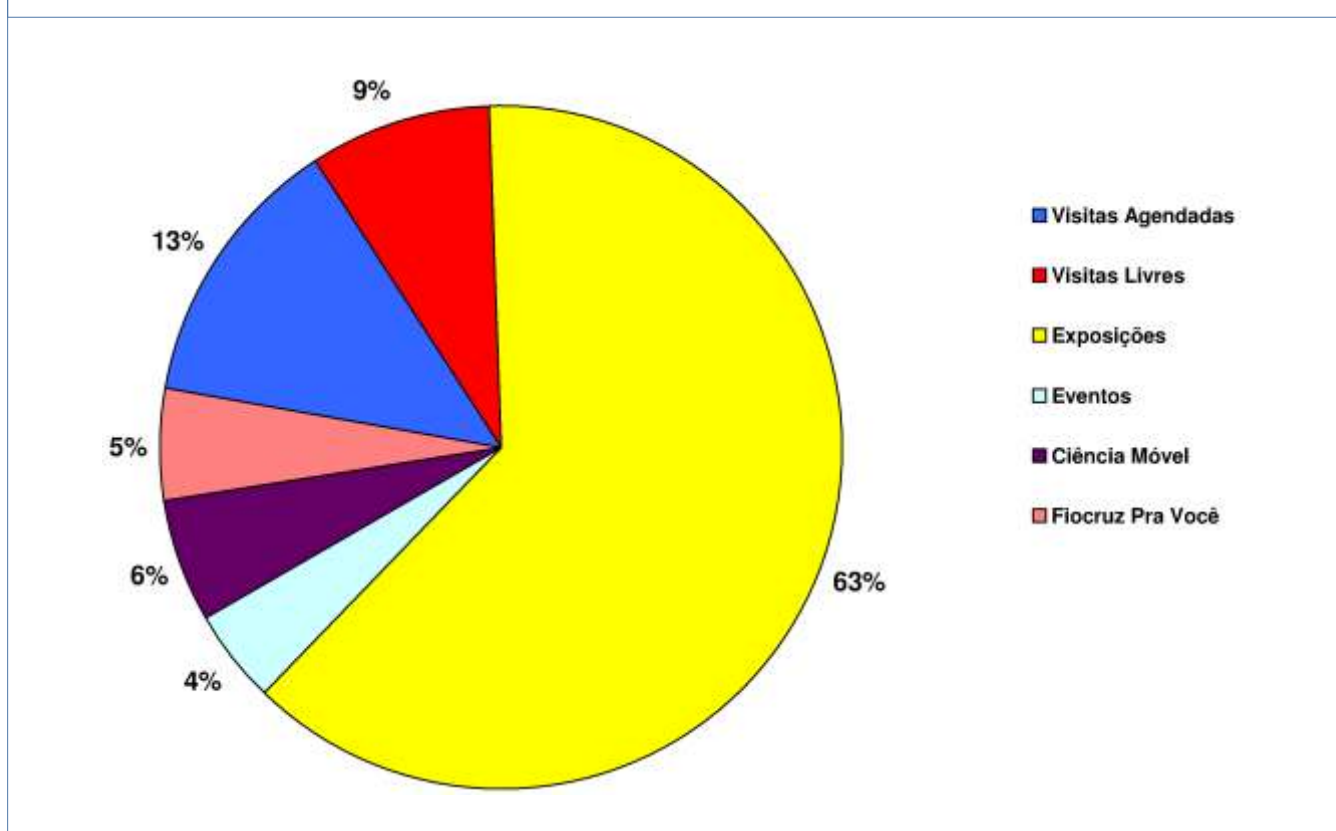
O Gráfico 1 ilustra como foi composto todo o volume de visitantes presenciais do Museu da Vida desde 1999 até 2007, realçando a contribuição relativa de cada categoria. Fica evidente que a categoria *Exposições*³ é

a que reúne a maior quantidade de visitantes (63%)⁴, superando a soma de todas as outras categorias.

As visitas ao *Circuito de Visitação* no campus (visitas livres + visitas agendadas) respondem por 22% do volume

global presencial. A categoria *Ciência Móvel*, com 6%, vem na sequência. Sobre esta atividade faremos uma ressalva mais adiante, quando comentarmos o próximo Gráfico.

GRÁFICO 1 - PARTICIPAÇÃO DAS CATEGORIAS NO VOLUME DE VISITAÇÃO PRESENCIAL
PERÍODO DE 1999 A 2007



³ A categoria *Exposições*, até o momento, engloba todos os tipos (temporárias ou itinerantes, intra ou extramuros). Exclui as de longa duração, que compõem as áreas de visitação do Circuito no campus. Em outra seção do Caderno a categoria *Exposições* será tratada especificamente, de forma mais detalhada.

⁴ Apesar de abordarmos o assunto adiante, vale a pena antecipar que a maior parte das exposições que compõem esse volume de visitação ocorreu extramuros.

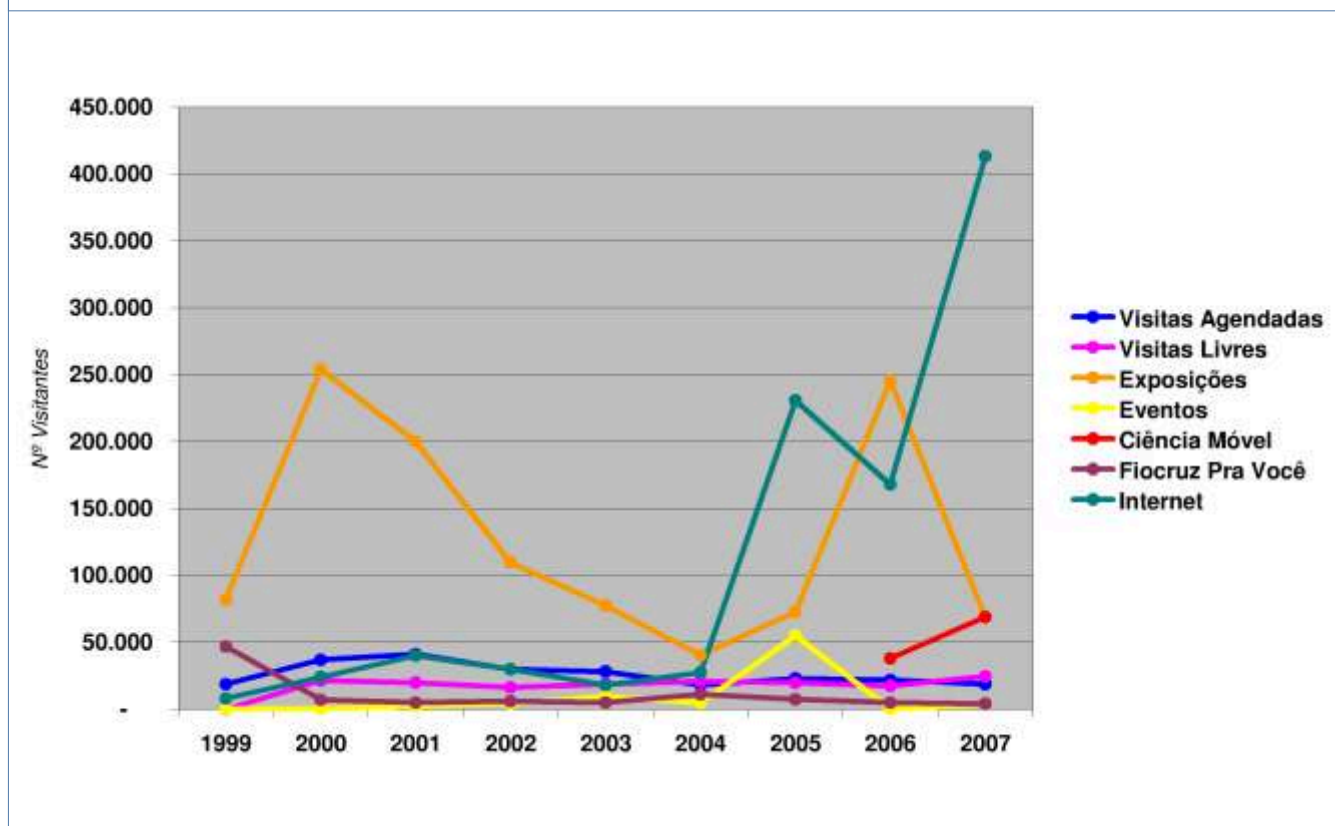
Evolução do volume de visitantes ao longo dos anos

O gráfico a seguir registra a série histórica das quantidades de visitantes atendidos em cada uma das sete categorias descritas anteriormente. Demonstra como foi o comportamento⁵ das categorias de atividades desde 1999 até 2007.

Juntamos neste gráfico as visitas presenciais ao Museu (visitas agendadas e livres ao Circuito, Exposições intra e extramuros, Eventos, Ciência Móvel e Fiocruz Pra Você), e as visitas não presenciais (virtuais, isto é, internet).

Ao observar o Gráfico 2, percebemos que as categorias *Exposições* (linha amarela) e *Internet* (linha verde) sobressaem-se entre as demais.

GRÁFICO 2 - QUANTITATIVO DE VISITANTES AO MUSEU DA VIDA POR CATEGORIAS DE VISITAS E ATIVIDADES - SÉRIE HISTÓRICA 1999-2007



⁵ O termo "comportamento" será várias vezes utilizado no texto referindo-se à existência de uma *característica perceptível* de uma determinada série. Por exemplo, se o gráfico apresenta uma série que indica pequenas variações em torno de um mesmo valor em todos os anos, esta série terá um comportamento que é diferente de outra que pode ter pequenas variações, mas com aumento dos valores de uma série para outra. Ou, ainda, uma série pode ter grandes variações, com movimento de queda em seus valores: é um outro comportamento, diferente dos anteriores.

Observando a série histórica registrada no Gráfico 2, é possível observar que a categoria *Exposições* teve três momentos de pico que foram marcantes, e que ocorreram nos anos de 2000, 2001 e 2006. Em 2000 (Tabela 1), a exposição *A Ciência dos Viajantes*, no Centro Cultural dos Correios (RJ), alcançou a marca de 100 mil visitantes, seguida da exposição itinerante *Passado e Presente*, que gerou 70 mil visitas (das quais 60 mil registradas no Navio-Escola da Marinha do Brasil), e da exposição *Chagas do Brasil*, na Casa da Ciência (RJ), com 50 mil pessoas. Estas três exposições, naquele ano, responderam por mais de dois terços (69%) de todo movimento do Museu da Vida.

No ano seguinte (2001, Tabela 2), a exposição *Paleopatologia*, no Museu Imperial (Petrópolis, RJ), também atingiu a marca de 100 mil visitantes, seguida da *A Ciência dos Viajantes*, que atingiu 50 mil visitantes na Casa da Ciência (RJ) e da exposição *Passado e Presente*, com 30 mil pessoas, sendo 20 mil no mesmo Navio-Escola. Mais uma vez, três exposições responderam por quase dois terços (65%) de toda visitação do Museu da Vida naquele ano.

Em 2006 (Tabela 3) foi a vez das exposições *Baleia à Vista*, que, no SESC/PR (Shopping Jardim das Américas) e na 1ª Mostra Científica e Expociência de Venda Nova do Imigrante (ES), totalizou 150.800 visitantes, e *Sentidos da Vida*, que na Embrapa (Brasília), contou com 60 mil visitantes. O movimento destas duas exposições representou 43% da visitação global do Museu naquele ano, sendo que somente *Baleia à Vista* respondeu por quase um terço: 30%.

Tabela 1: Total de Visitantes das Exposições no ano 2000, por local

EXPOSIÇÕES	LOCAL DE REALIZAÇÃO	VISITANTES
Ciência dos Viajantes	Centro Cultural dos Correios	100.000
Passado Presente	Navio-Escola – 60.000 Salvador – Club Méd – 5.000 Brasília – SBPC – 5.000	70.000
Chagas do Brasil	Casa da Ciência	50.000
Outras	Diversos locais	20.000
Total		254.000

Tabela 2: Total de Visitantes das Exposições no ano 2001, por local

EXPOSIÇÕES	LOCAL DE REALIZAÇÃO	VISITANTES
Paleopatologia	Museu Imperial	100.000
Ciência dos Viajantes	Casa da Ciência	50.000
Passado Presente	Navio-Escola – 5.000 Salvador – Club Méd – 5.000 Brasília – SBPC – 20.000	30.000
Outras	Diversos locais	20.000
Total		200.000

Tabela 3: Total de Visitantes das Exposições no ano 2006, por local

EXPOSIÇÕES	LOCAL DE REALIZAÇÃO	VISITANTES
Baleia à Vista	SESC/PR – Shopping Jardim das Américas	144.000
	1ª Mostra Científica e Expociência de Venda Nova do Imigrante – ES	6.800
Sentidos da Vida	V Expo. Tecnol. Agropec. Sede da Embrapa – BSB	60.000
Outras	Diversos locais	31.660
Total		242.460

O *Ciência Móvel* iniciou suas atividades em 2006 e vem registrando um volume expressivo de atendimento, a ponto de, neste curto período, já responder por 6% de todo o volume de visitação presencial extramuros dos nove anos de existência do Museu da Vida (Gráfico 2), tendo superado, em 2007, mesmo que por pequena diferença, o volume de visitantes à categoria *Exposições*.

O Museu da Vida, desde sua inauguração, sempre manteve produtos na Internet. Iniciou com o

site institucional e a biblioteca virtual e, por último, o InVivo (2003), que é o site de divulgação de ciência e saúde. A biblioteca virtual foi descontinuada em 2004, permanecendo os outros dois produtos.

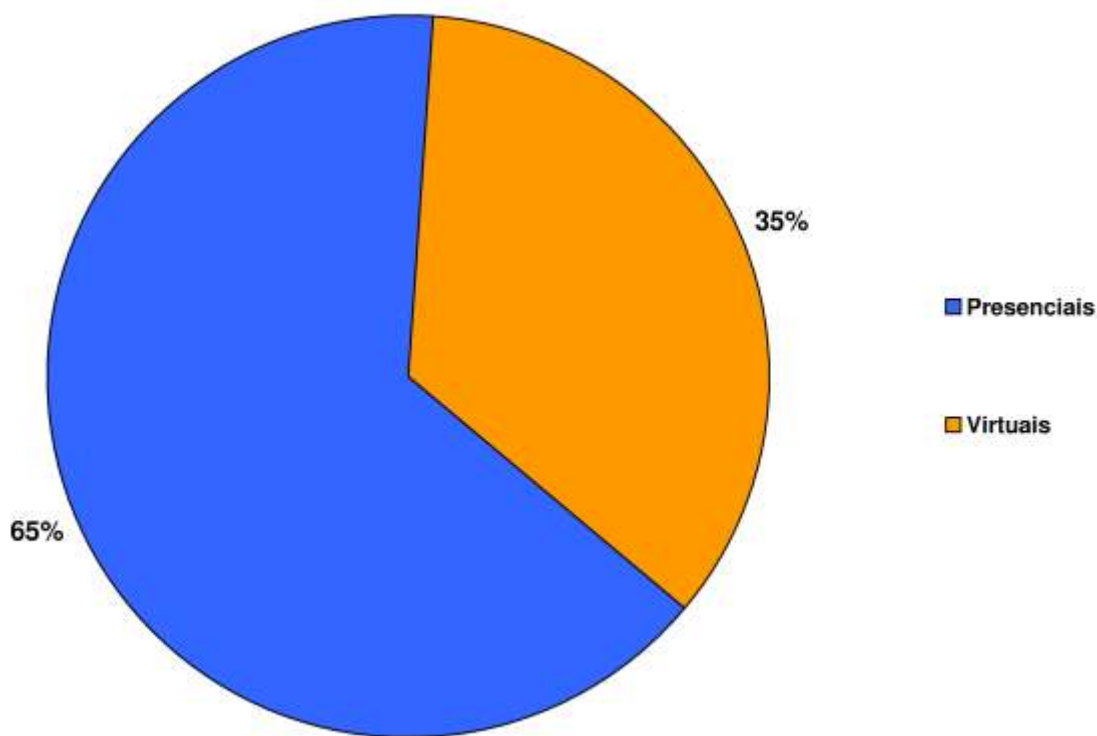
Nota-se, no Gráfico 2 (página anterior), que os acessos via Internet apresentam uma discreta participação no volume de visitantes até o ano de 2004, quando novas ferramentas de contagem de acesso foram incorporadas, permitindo um registro mais fiel das visitas aos sites. Em 2007

novamente ocorreu uma substituição na ferramenta de contagem, registrando-se um novo salto quantitativo.

A comparação apresentada no Gráfico 3 (abaixo) permite uma idéia entre os volumes de visitação presencial e virtual.

O ano de 2007 foi encerrado acumulando a marca global de 2,71 milhões de visitantes às atividades disponibilizadas pelo Museu da Vida desde 1999. Deste total, 1,77 milhões foram visitantes presenciais e 949 mil foram virtuais.

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS MODOS DE VISITA



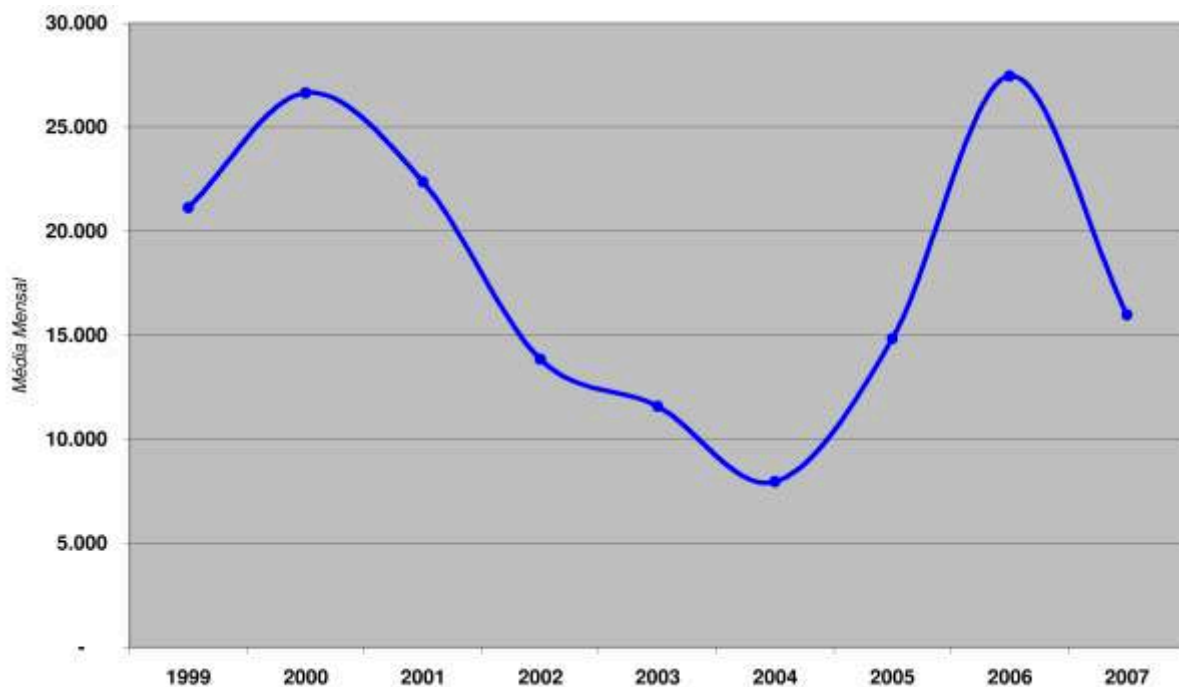
Médias mensais de visitação presencial ao Museu da Vida Atividades intra e extramuros

Os gráficos seguintes são importantes para avaliarmos como o volume de visitantes do Museu da Vida vem se comportando ao longo dos anos e o que isto pode significar em termos de perspectivas. Eles representam o comportamento das médias mensais⁶ de visitantes presenciais, tomando como referência todas as categorias juntas, excetuando as visitas virtuais.

No gráfico 4 podemos observar que a série histórica das médias mensais não é estável, apresentando algumas variações expressivas, como o ponto mínimo de 7.846 (2004) até o ponto máximo de 27.141 visitantes média/mês (2006). Verificamos que a modificação mais intensa ocorre no final da série, com o recuo do volume médio mensal de visitação no ano de 2007. Há um grau de subida interes-

sante de 2004 para 2006, decorrente do expressivo volume de público registrado pelas exposições *Baleia à Vista* e *Sentidos da Vida*, que forçou para cima a média mensal deste ano. Embora com menos intensidade, também se encontra acentuação do volume médio mensal de visitantes em 2000 (exposições *A Ciência dos Viajantes*, *Passado e Presente* e *Chagas do Brasil*).

GRÁFICO 4 - MÉDIAS MENSAS GLOBAIS DE VISITAÇÃO PRESENCIAL (INTRA E EXTRAMUROS)
SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007



⁶ As médias mensais foram obtidas dividindo o total de todos os visitantes atendidos em todas as categorias pelo número de meses em cada ano. No ano de 1999, o total de meses foi 7 (junho a dezembro), enquanto que, nos demais, foi 12 (jan.-dez.).

Sobre estes fatos cabe refletir até que ponto as exposições temporárias e/ou itinerantes puderam artificializar as medidas da série, uma vez que são acontecimentos pontuais. Em 2007 não ocorreram, e a média mensal, conseqüentemente, apresentou uma queda com a mesma intensidade do movimento de subida em 2006, retornando ao patamar verificado em 2005. Podemos supor que, não fossem aquelas exposições, os anos de 2000, 2001 e 2006 teriam praticamente os mesmos volumes médios mensais de visitantes que os demais anos?

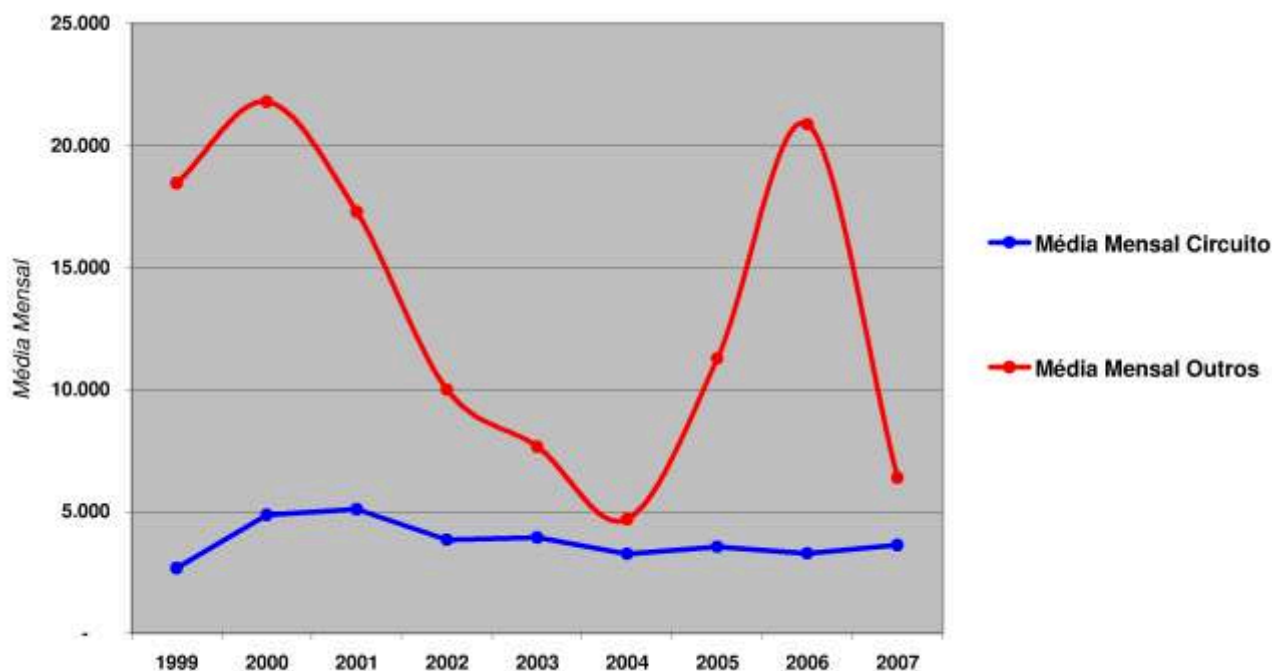
No Gráfico 5, comparamos as

médias mensais de visitação presencial ao Circuito e a outras atividades realizadas pelo Museu. A observação deste gráfico traz duas constatações imediatas: o padrão de comportamento das médias mensais de visitação ao *Circuito* é muito diferente do padrão que caracteriza as médias mensais de público nas demais atividades do Museu da Vida, tomadas como um conjunto.

Enquanto no Circuito as variações de volume são pequenas, nas outras atividades são maiores e mais intensas. A partir do ano de 2000 há nas médias mensais da categoria *Outras Atividades* um movimento de

queda que se acentua progressivamente, levando em quatro anos o volume de visitação a quase se igualar ao *Circuito* (ano de 2004). Passada esta primeira fase, logo no ano seguinte (2005) inicia-se um movimento de retomada, que, em 2006, alcançou o patamar correspondente ao do ano de 2000, que era o pico verificado na primeira fase. Como em 2007 não houve a realização de nenhuma exposição ou evento de grande impacto de público, registramos queda vertiginosa no volume médio de visitantes, retornando ao nível verificado em 2004 (7.846 média/mês).

GRÁFICO 5 - COMPARATIVO DE VISITANTES AO CIRCUITO E A OUTRAS ATIVIDADES
SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007



Visitas presenciais ao Museu da Vida, campus de Manguinhos

O Circuito de Visitação

O Circuito de Visitação é formado pelo conjunto de atividades disponibilizadas no campus da Fiocruz, abrangidas em cinco áreas: Centro de Recepção, Parque da Ciência, Passado e Presente, Ciência em Cena e Biodescoberta.

As visitas ao Circuito dividem-se em duas categorias: *Visitas Agendadas* e *Visitas Livres*. A primeira engloba todas as atividades realizadas mediante agendamento prévio com o Centro de Recepção, podendo ser em grupos ou individuais (este último ocorre raramente, sendo mais frequentes os grupos escolares). As visitas livres não dependem de agendamento e, mesmo podendo ocorrer em qualquer dia, concentram-se nos finais de semana e feriados. Por não serem marcadas previamente, não existe a riqueza do detalhamento dos dados quanto ao perfil dos visitantes, tal como nas visitas agendadas. Para estas, o Centro de Recepção recolhe e armazena vários tipos de informações a respeito do visitante (ou grupo de

visitantes), que ajudam a traçar um perfil mais fiel sobre o público. No caso das visitas livres, as informações que auxiliam a compor o perfil do público visitante são originadas de pesquisas em amostras, que vêm sendo realizadas eventualmente pelo Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC, 2006)⁷.

O Gráfico 6 (adiante) representa exclusivamente o volume de visitação ao Circuito desde 1999 até 2007, contendo, além do total (linha verde), também as parcelas que cabem às visitas agendadas (linha azul) e às visitas livres (linha vermelha).

Em relação ao volume de visitas, observamos que no ano de inauguração (1999) o Museu da Vida ainda não operava com as visitas livres, que surgiram apenas a partir de 2000, nos fins de semana. Nos cinco primeiros anos de funcionamento, as visitas agendadas tiveram volumes superiores aos das visitas livres (em 2001 chegaram a ser superiores ao dobro).

A partir de 2004 começaram a se equivaler, não porque as visitas livres tenham alcançado um patamar muito mais elevado, mas porque houve um movimento de queda nas visitas agendadas (que chegaram a cair 35%, de 2003 para 2004, com leve recuperação nos dois anos seguintes e nova queda em 2007). Por que isto aconteceu? Não há apenas um motivo, mas uma conjunção de fatores interferentes, especialmente na redução assinalada em 2004. Sem estabelecer uma ordem de importância, podemos destacar duas situações principais: a) problemas de infraestrutura (obras emergenciais no Ciência em Cena e no Parque da Ciência) que provocaram redução na oferta de atividades ao público e b) ano de pico de cancelamentos⁸ de visitas ao Circuito, em grande medida motivados pelo clima de violência na região do entorno do campus da Fiocruz, divulgado pela mídia.

⁷ O Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC) é um programa de pesquisa e serviços sobre os museus e instituições afins. Propõe a criação de um sistema, em rede, de produção, reunião e compartilhamento de dados e conhecimentos diversos sobre os museus em sua relação com a sociedade. Reúne instituições culturais variadas, promovendo o intercâmbio entre museus de arte, de ciência e demais classificações temáticas do campo cultural (www.fiocruz.br/omcc). Em 2005, foi realizada uma Pesquisa Perfil Opinião em onze museus do Rio de Janeiro, entre eles o Museu da Vida (OMCC, 2006).

⁸ Designam-se genericamente como “cancelamentos” os dois tipos de ausência do visitante que agendou visita: a *falta*, que é o não-comparecimento sem prévia comunicação e o *cancelamento*, que é a ausência previamente comunicada. Os cancelamentos serão objeto de análise detalhada em futuras edições do Caderno.

Houve uma elevação nas visitas livres em 2007, sendo curioso ter ultrapassado as agendadas, mesmo com o Museu da Vida tendo interrompido o atendimento aos domingos.

É possível que a falta do volume de visitas dos domingos tenha sido compensada nesse ano pelo reflexo da realização, no mês de outubro, de dois eventos que proporcionaram uma

alta na frequência do público ao Museu da Vida, que foram o *Ciência no Parque* e a *Semana Nacional de C&T*.

GRÁFICO 6 - QUANTITATIVOS DE VISITANTES AO CIRCUITO
SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007



*Alta e baixa temporadas:
as visitas ao Circuito de janeiro a dezembro de cada ano*

Ainda com base nos dados disponíveis sobre a visitação ao Circuito, é possível traçar um estudo sobre os meses de alta e de baixa temporadas. Vemos, no Gráfico 7, que há uma tendência de pico de atendimento nos meses de maio, agosto e outubro.

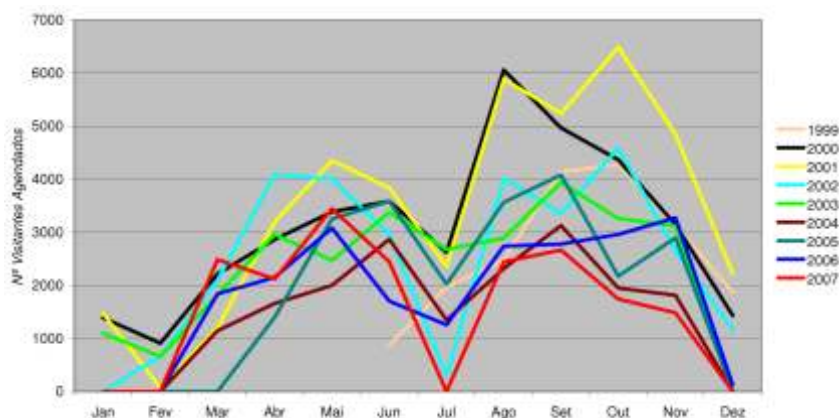
Embora o comportamento em cada ano apresente variações, pode ser considerada como evidente a baixa temporada no período das férias escolares (dezembro, janeiro, fevereiro e julho). O Gráfico 8, ao lado, demonstra o que acontece se colocarmos o foco unicamente nas visitas agendadas, que, de modo geral, acompanham o movimento verificado e comentado no Gráfico 7.

Chama a atenção que mesmo algumas linhas se apresentando abaixo das outras, o comportamento do volume de visitação se mantém enquanto característica, mas registra baixa no quantitativo dos atendimentos.

GRÁFICO 7 - VOLUME DE VISITAÇÃO GERAL AO CIRCUITO PELOS MESES DOS ANOS - SÉRIE HISTÓRICA (1999 - 2007)



GRÁFICO 8 - VOLUME DE VISITAÇÃO AGENDADA AO CIRCUITO PELOS MESES DOS ANOS - SÉRIE HISTÓRICA (1999 - 2007)



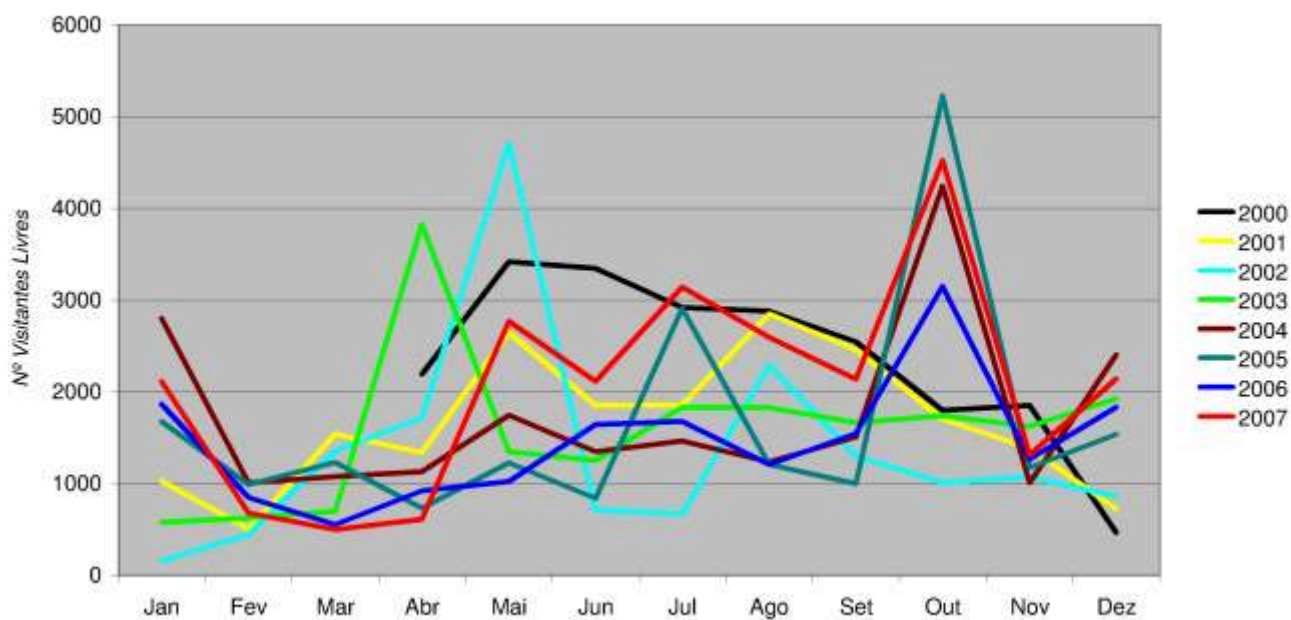
A análise do gráfico de distribuição das *visitas livres* nos meses dos anos (Gráfico 9) demonstra que, diferentemente das visitas agendadas, as visitas livres ganharam alguma intensidade nos anos mais recentes, embora mantendo as mesmas características de pico apontadas anteriormente.

Percebemos, também, que a partir de 2004 houve uma elevação na característica de visitação no mês de outubro, o que reflete a intensificação das atividades ofertadas, coincidindo com a Semana Nacional de C&T, que ocorre nesse mês.

Os movimentos de alta e baixa temporadas, ao se reproduzirem em

ambas as categorias, demonstram que também as visitas livres sofrem influência dos períodos de férias escolares. Podemos, então, perceber que o Museu da Vida reage de forma diferente de outros espaços culturais da cidade, que costumam atrair grande massa de turistas locais e estrangeiros nos períodos de férias.

GRÁFICO 9 - VOLUME DE VISITAÇÃO LIVRE AO CIRCUITO PELOS MESES DOS ANOS
SÉRIE HISTÓRICA (1999 - 2007)



Visitas Agendadas ao Circuito

O perfil do público

Como afirmamos anteriormente, não estão disponíveis dados históricos sobre todos os visitantes do Circuito, mas apenas daqueles

que realizaram as visitas agendadas (isto é, por meio de agendamento prévio pelo Centro de Recepção). Por este motivo, as informações a

seguir referem-se apenas a esses dados, estudados no período de 2000 a 2007.

Faixas Etárias

O público característico das visitas agendadas ao Museu da Vida é formado por jovens de 10 a 15 anos (58%). A segunda faixa mais freqüente, embora com quase 40% de distância da primeira, é das crianças

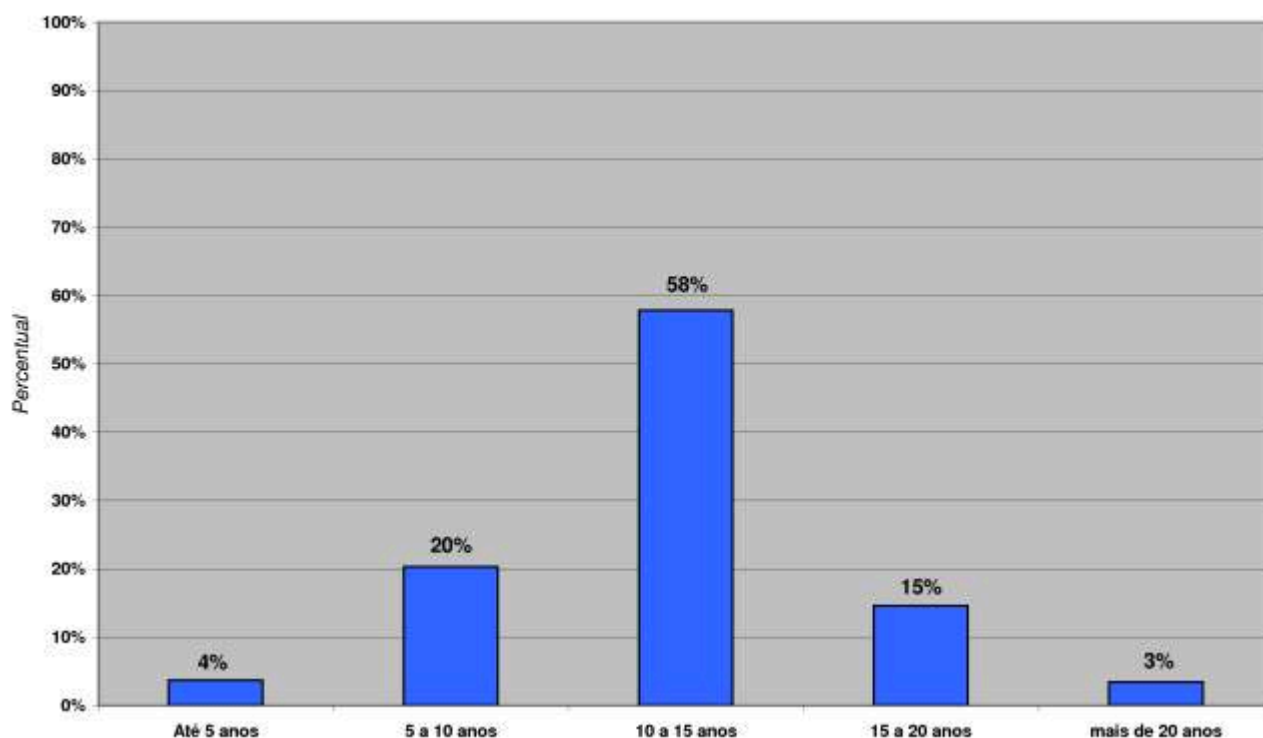
de 5 a 10 anos, com 20%, seguida pela faixa de 15 a 20 anos, com 15% (veja Gráfico 10).

Essa distribuição pode ser entendida como reflexo do atendimento a uma grande maioria de

grupos escolares, nas visitas agendadas (87%), com expressiva concentração na faixa de escolaridade de ensino fundamental (77%). Esses dados serão comentados adiante.

GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DAS VISITAS AGENDADAS

1999 A 2007



Observe-se que a evolução histórica das faixas de idade desde 2000 até 2007 (Gráfico 11), registra uma queda importante em volume entre os anos de 2001 e 2004 na faixa etária de 10 a 15 anos. A partir de então, o movimento é de estabilidade, ainda com predominância, embora menos intensa, desta faixa de idade. A faixa etária de 5 a 10 anos faz um movimento inverso (crescente) de 2004 para 2005 e se aproxima do patamar da faixa 10-15 anos.

O Gráfico 12 (adiante) é interessante porque mostra como a participação percentual de cada faixa etária foi modificando a composição do perfil de idades dos visitantes agendados do Circuito do Museu da Vida.

É possível comparar que os impactos da variação do volume de visitantes atendidos só vão produzir alteração significativa na composição percentual da participação das faixas etárias a partir de 2005, quando aparentemente o Museu da Vida passa

a ter um novo padrão de público das visitas agendadas.

Nota-se que, de 2001 a 2003, registrávamos um padrão regular de participação das faixas etárias, com uma modificação interessante em 2004, que funcionou como período de transição para o novo padrão que vem se estabelecendo.

GRÁFICO 11 - VISITANTES POR FAIXAS ETÁRIAS (VISITAS AGENDADAS)
SÉRIE HISTÓRICA 2000 A 2007

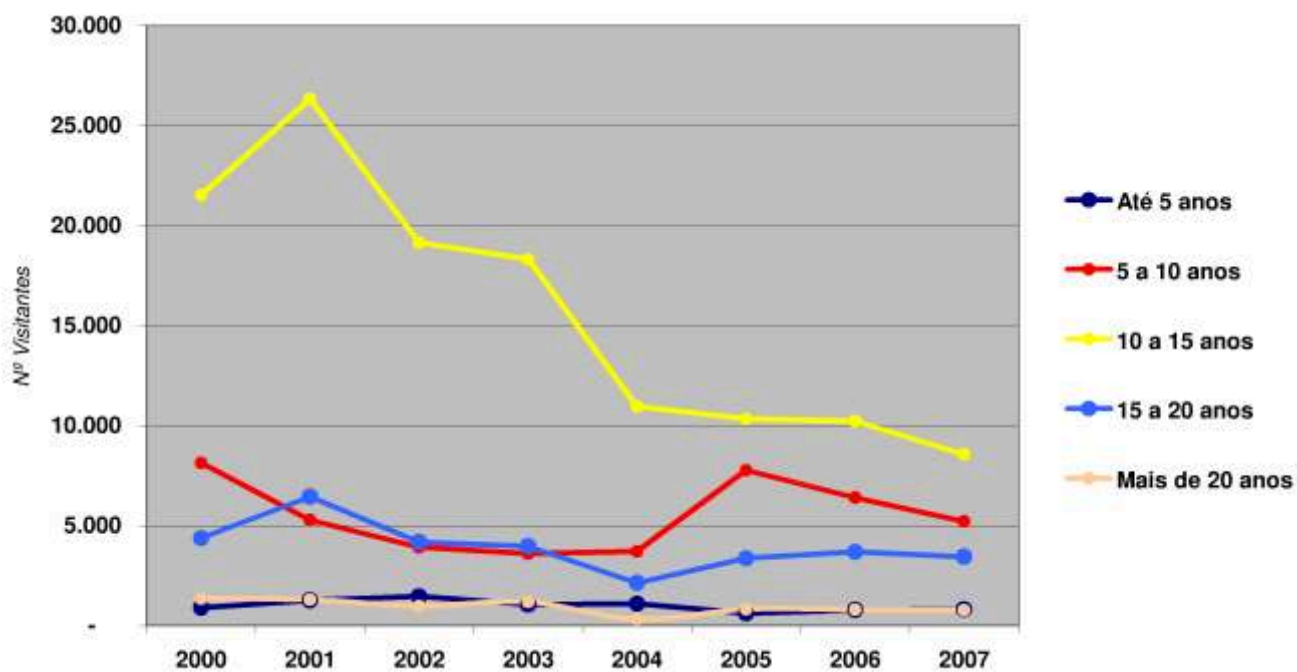
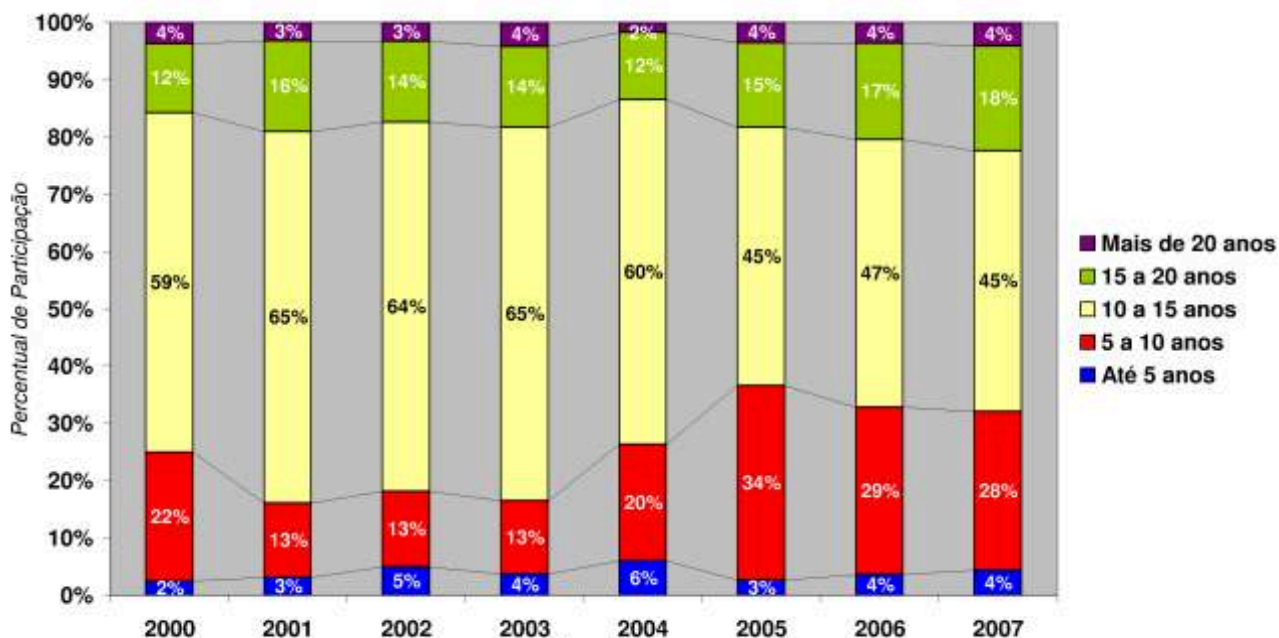


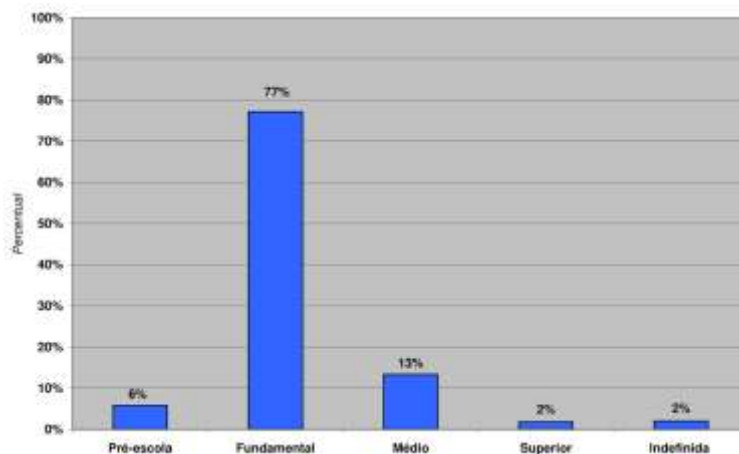
GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS VISITANTES DO CIRCUITO POR FAIXAS ETÁRIAS
SÉRIE HISTÓRICA 2000 A 2007



Escolaridade

Os dados referentes à escolaridade atestam que grande parte do público que agendou visitas ao Museu da Vida foi formada por pessoas do ensino fundamental (77%). As escolaridades seguintes (médio e superior), somadas, alcançam 15%.

GRÁFICO 13 - DISTRIBUIÇÃO DAS VISITAS AGENDADAS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE - 2000 A 2007



Observando o Gráfico 14, verifica-se que, diferentemente do que ocorreu com o comportamento das faixas etárias, a evolução histórica da escolaridade apresenta estabilidade, com variações pequenas ao longo dos anos.

Esta observação também é válida para a estabilidade da distribuição dos visitantes pelas escolaridades ao longo dos anos, como visto abaixo (Gráfico 15). Nota-se que, embora variando os quantitativos, o arranjo das colunas mantém padrões semelhantes.

GRÁFICO 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS VISITAS AGENDADAS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE - SÉRIE HISTÓRICA 2000 A 2007

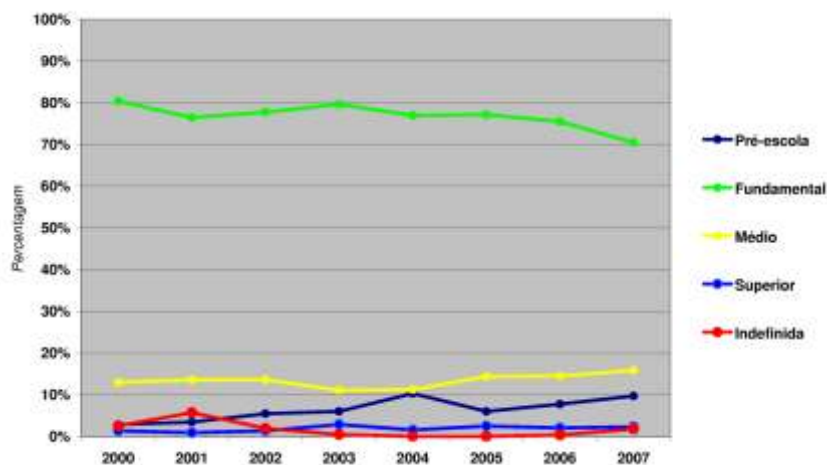
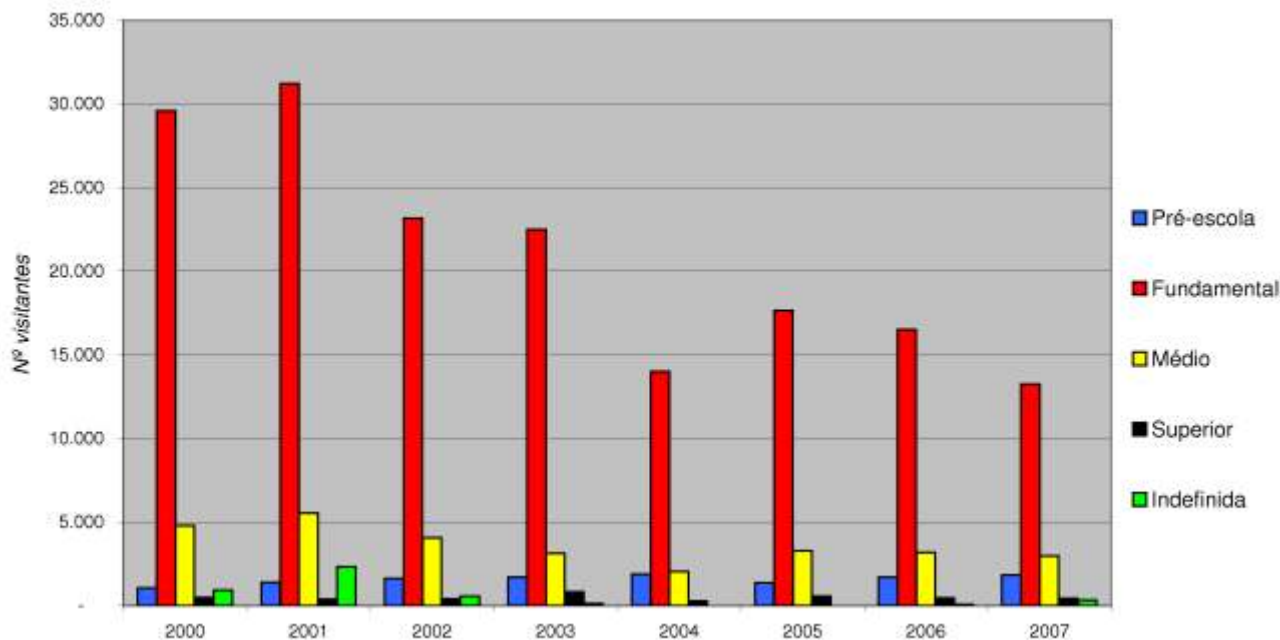


GRÁFICO 15 - DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE VISITAS AGENDADAS POR ESCOLARIDADE 1999 A 2007



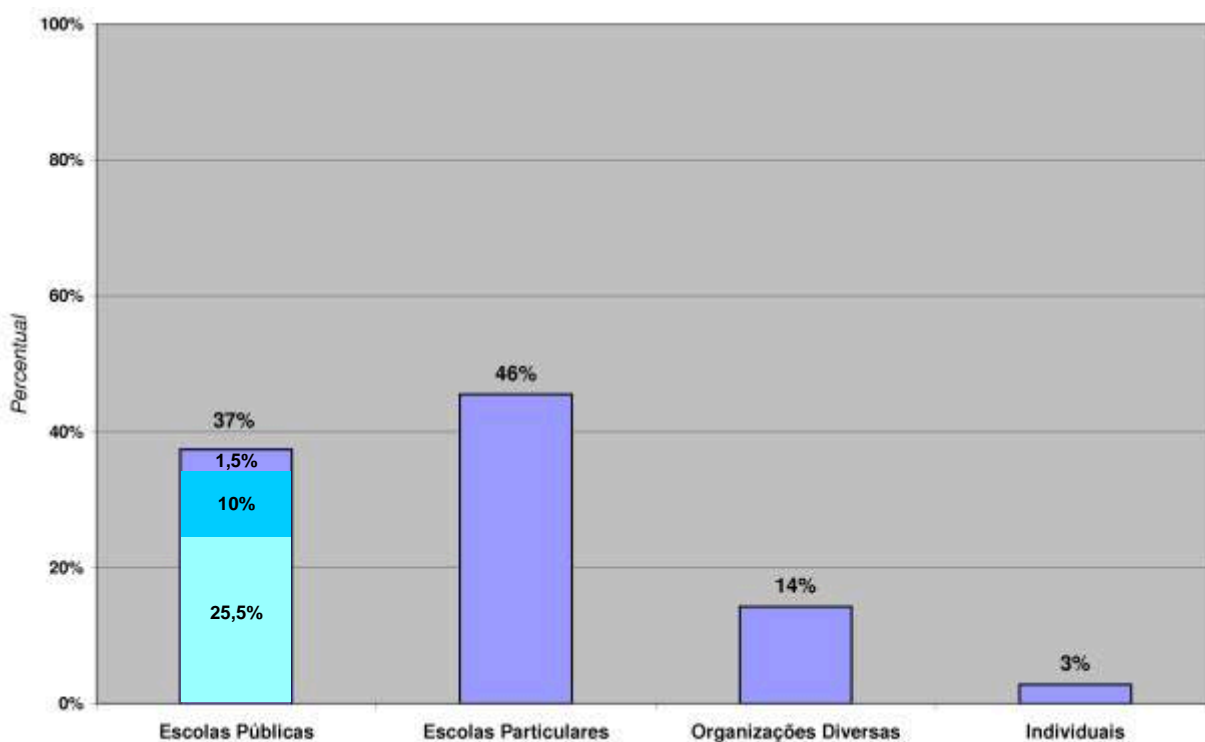
Tipos de instituições visitantes

Entre 1999 e 2007, de cada 100 grupos que realizaram visitas agendadas ao Museu da Vida, 83 foram escolas, sendo 46% particulares e 38% da rede pública. Destas, 26% foram da rede municipal, 10%, da rede estadual e 2%, da rede federal (Gráfico 16).

Os tipos de instituição que visitaram o Museu da Vida apresentaram uma relativa estabilidade desde 2000 até 2007, registrando-se maior variação em 2003, quando *Organizações Diversas* apresentou um salto enquanto as escolas particulares e públicas registraram redução.

Observa-se que no período 2004-2007 as *Escolas Particulares* e as *Escolas Públicas* mostraram comportamentos opostos, aproximando-se em 2007 como consequência de uma queda na frequência das escolas particulares e um aumento das escolas públicas.

GRÁFICO 16 - DISTRIBUIÇÃO DAS VISITAS AGENDADAS POR TIPO DE INSTITUIÇÃO



Esta série levanta uma questão muito importante. Por ser uma instituição pública, de acesso gratuito, geograficamente instalada em uma região de comunidades carentes, por que são mais frequentes as visitas agendadas de escolas particulares ao Circuito? Quais as causas que podem explicar estes resultados? Como explicar, também, por que as escolas públicas nunca chegaram a ultrapassar o patamar das escolas particulares?

As fontes de onde o Caderno obtém os dados não detalham os acontecimentos que lhes deram causa; por este motivo, estas perguntas estão lançadas, como início de um debate que possa trazer esclarecimentos e criar bases para o planejamento de ações futuras.

No Gráfico 18, que mostra a visitação das *Escolas Públicas*, percebemos que as *escolas municipais* foram o fator mais sensível dessa variação, com uma redução de 5% na participação da composição em 2003 com uma retomada de 6% em 2004 e nova queda de 4% em 2005. As *escolas estaduais* apresentaram dois momentos marcantes, sendo o primeiro em 2006, quando chegou ao seu ponto mínimo (8%) e no ano seguinte, quando registrou um salto de 5% alcançando sua melhor marca em toda série.

Notadamente pequena, a participação das *escolas federais* foi a que apresentou maior estabilidade, variando entre 1% e 2% desde o

início da série. Da categoria das escolas federais fazem parte grupos de visitação compostos por alunos de cursos formais de instituições

vinculadas ao governo federal, como é o caso da Creche da Fiocruz e turmas da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

GRÁFICO 17 - FREQUÊNCIAS RELATIVAS DOS AGENDAMENTOS
SÉRIE HISTÓRICA 2000 - 2007

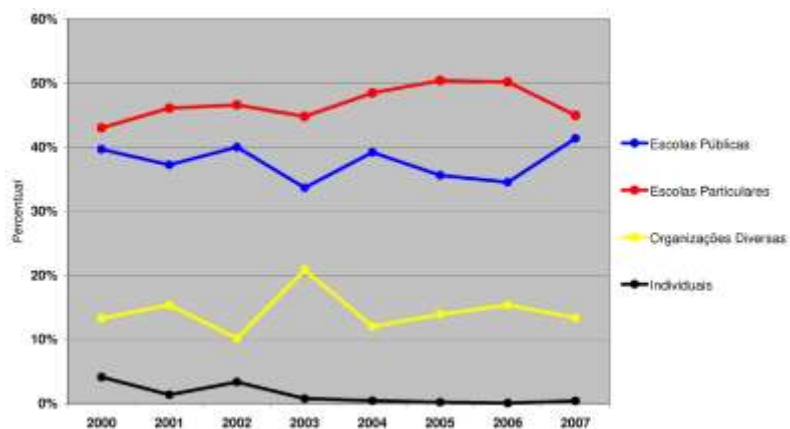
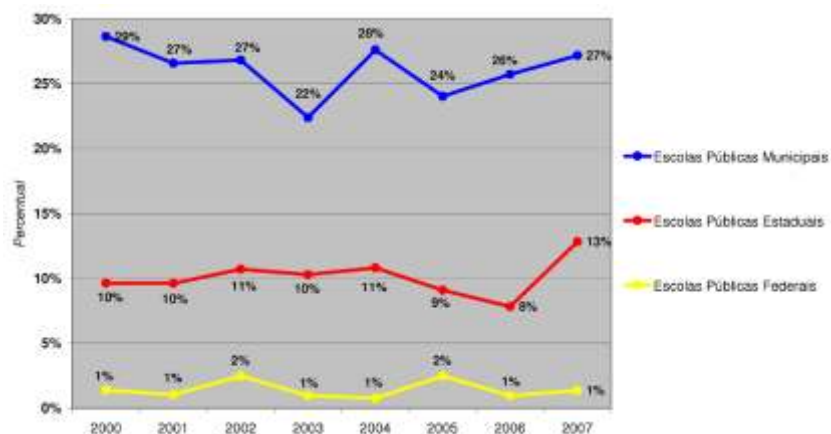


GRÁFICO 18 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS NO VOLUME DE VISITANTES AGENDADOS DO CIRCUITO
SÉRIE HISTÓRICA 2000 - 2007



Exposições

Uma categoria de atividade estratégica para o museu?

Exposições temporárias versus itinerantes: uma análise dos volumes de público

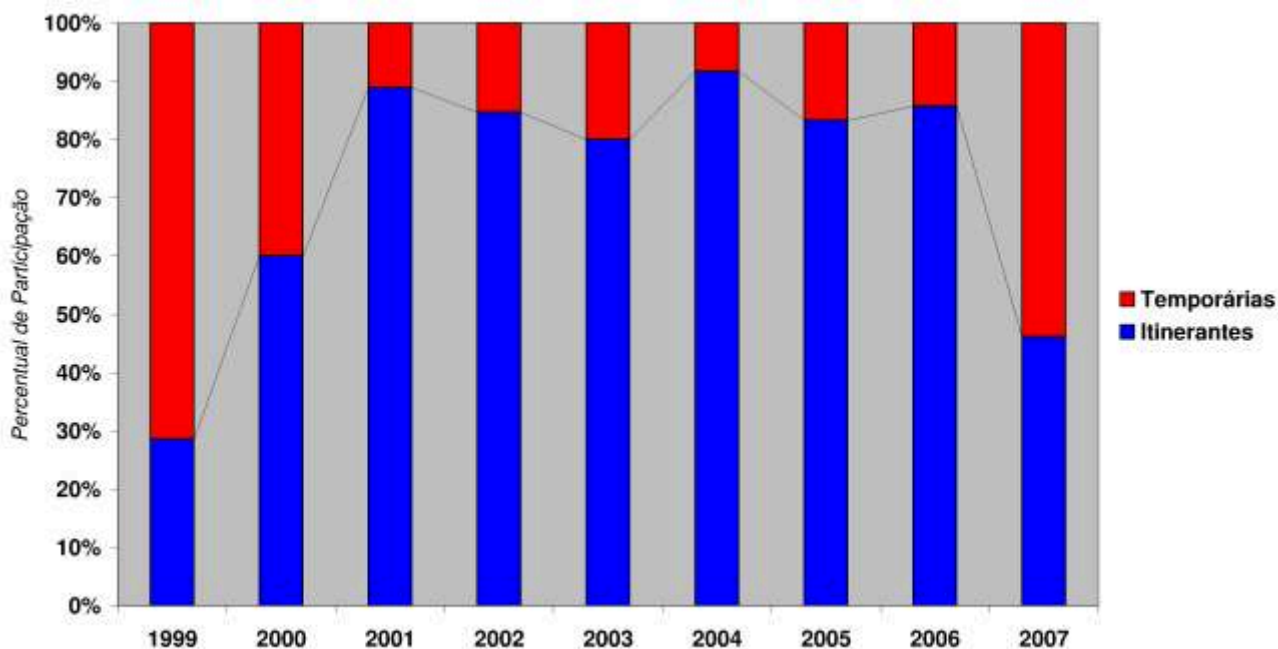
A categoria *Exposições* engloba tanto as exposições temporárias⁹ quanto as itinerantes¹⁰. O primeiro grupo (temporárias) pode ser dividido em dois tipos: intramuros (montadas na Fiocruz) ou extramuros (exibidas fora da Fiocruz). O segundo

grupo (itinerantes) se caracteriza por ser sempre uma atividade extramuros. Para efeito deste trabalho, consideramos que os conceitos de *exposição temporária* e *exposição itinerante* são mutuamente exclusivos, ou seja, cada tipo atende

unicamente à finalidade para a qual foi produzido, mesmo que possa existir um ou outro caso diferente.

No Gráfico 19 podemos perceber que há uma predominância no volume das exposições itinerantes em comparação com as temporárias.

GRÁFICO 19 - COMPARATIVO ENTRE QUANTIDADES DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES E TEMPORÁRIAS - SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007



⁹ As exposições temporárias são aquelas montadas sobre temas específicos, permanecendo em exibição por um tempo determinado. Segundo Lord (2002), estas exposições são indispensáveis se um museu deseja atrair o número adequado de visitantes que retornem. Por mais poderosa que seja a apresentação de uma coleção permanente, e mesmo que sua exposição seja trocada frequentemente, não há substituto para um programa forte de exposições temporárias. As exposições temporárias também podem oferecer uma “janela para o mundo” ao público visitante de um museu.

¹⁰ Exposições itinerantes (travelling exhibitions) são aquelas preparadas para circular por outros museus ou salas de exibição, geralmente em outras cidades. “As exposições itinerantes têm sido tradicionalmente o maior provimento de acesso externo às coleções dos museus”. (Lord, 2002).

Com relação às características das exposições (itinerantes ou temporárias), o Gráfico 19 permite observar, ainda, que as exposições itinerantes tiveram um período de ascensão entre 2000 e 2003, a partir do qual se

iniciou uma tendência gradual de queda, chegando a se reduzir a menos de 50% no ano de 2007, em relação ao pico verificado em 2004.

Mais oscilantes, as exposições temporárias alternaram períodos de

altos e baixos indicadores até 2004, iniciando a partir de então um movimento gradual de ascensão, chegando, por fim, a estabelecer o pico em 2007 e a ultrapassar o quantitativo das exposições itinerantes.

Os volumes de público das Exposições (intra e extramuros)

O Gráfico 20 mostra que a grande maioria das exposições, desde 1999, foi montada extramuros, o que faz sentido com o gráfico 19, que apontou para o maior volume de

exposições itinerantes, concebidas para circular pelo ambiente externo. Soma-se às exposições itinerantes, uma parcela das exposições temporárias que foram montadas fora da

Fiocruz (Gráfico 21), realçando, assim, a expressividade das exposições montadas extramuros.

GRÁFICO 20 - COMPARATIVO ENTRE QUANTIDADES DE EXPOSIÇÕES INTRAMUROS E EXTRAMUROS - SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007

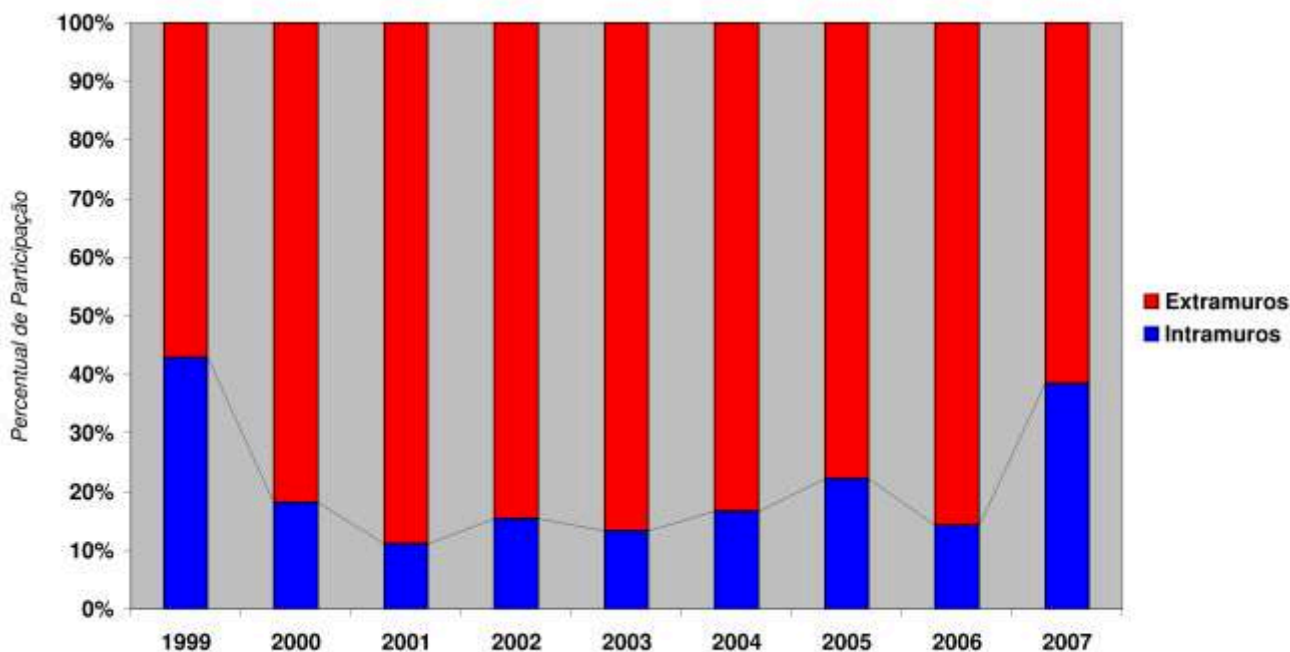
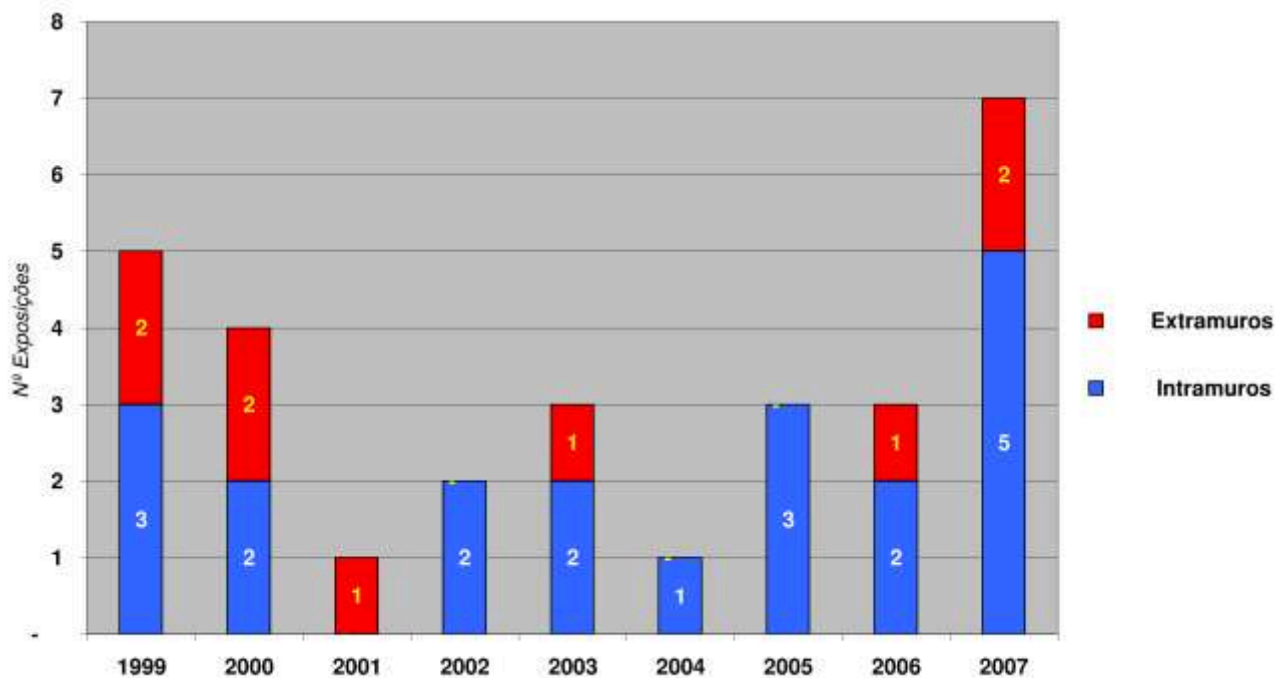


GRÁFICO 21 - COMPARATIVO DO NÚMERO DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS INTRAMUROS E EXTRAMUROS - 1999 - 2007



Como consequência, as exposições extramuros foram responsáveis por 89% de todo o volume de visitantes da categoria *Exposições*.

GRÁFICO 22 - COMPOSIÇÃO DO VOLUME GLOBAL DE VISITANTES DAS EXPOSIÇÕES

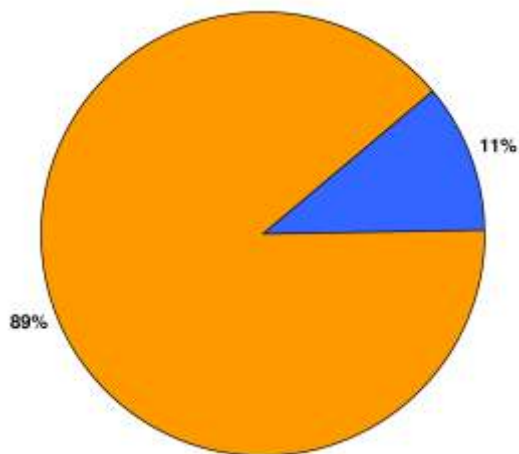


Tabela 4: Volume total de visitantes às exposições

EXPOSIÇÕES	VISITANTES
Intramuros	125.045
Extramuros	1.025.489
Total	1.150.534

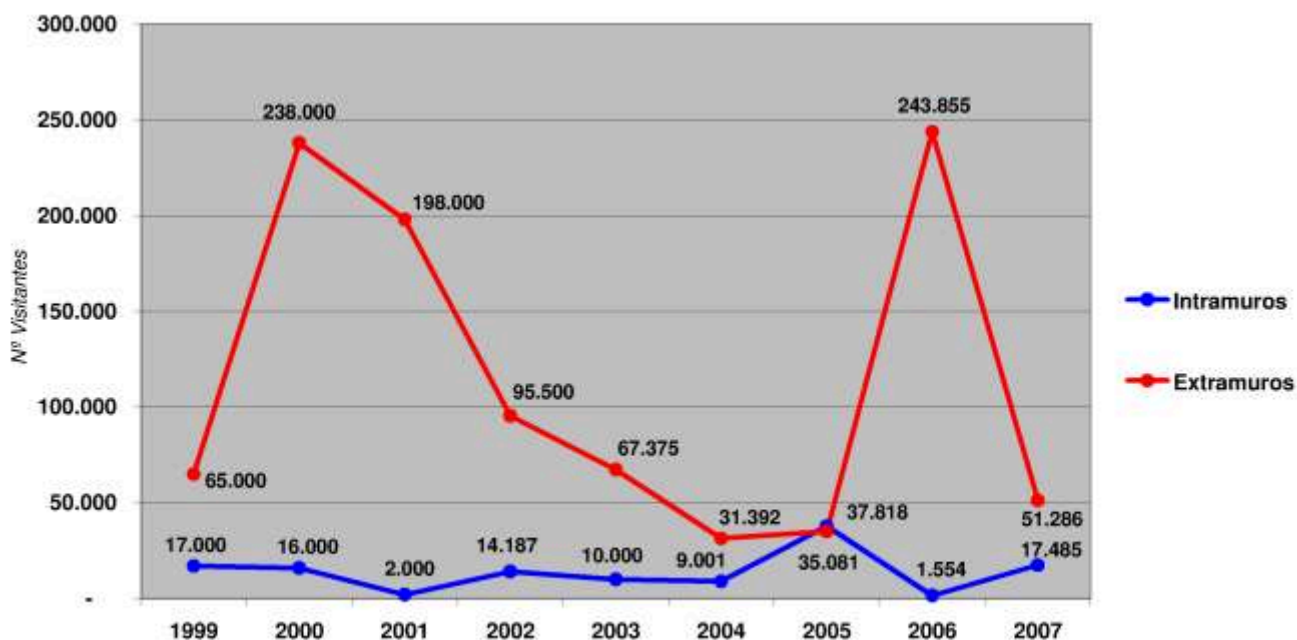
O Gráfico 23 demonstra como foi a evolução do volume de públicos das exposições intra e extramuros de 1999 a 2007.

Nota-se que o comportamento da série relativa às exposições extramu-

ros (linha vermelha) praticamente reproduz o comportamento da série referente à categoria *Exposições* como um todo, já demonstrado no Gráfico 2 (pág. 12). Podemos sugerir, então, que é neste tipo de exposição

que se localiza a maior carga de imprevisibilidade. Em contrapartida, é também nesta subcategoria que se encontra o maior potencial gerador de público.

GRÁFICO 23 - EVOLUÇÃO DOS VOLUMES DE PÚBLICOS DAS EXPOSIÇÕES INTRA E EXTRAMUROS - SÉRIE HISTÓRICA 1999 - 2007



M

Finalizando

Os objetivos que pautaram esta primeira edição do *Cadernos do NEPAM* foram, em primeiro lugar, apresentar uma visão geral e simplificada de algumas das informações históricas sobre a visita ao Museu da Vida e, em segundo lugar, promover um diálogo sistemático com os leitores, de modo a refinar os conhecimentos e as interpretações dos dados.

As edições futuras procurarão apresentar, além de novos dados ainda não abordados, aprofundamentos de assuntos que despertaram interesse e que demonstram relevância para o conhecimento dos leitores. Alguns exemplos destas possibilidades:

- *Exposições: o “quem é quem” das campeãs em volume de visita.* Já vimos neste número do Caderno que a categoria *Exposições* tem uma posição de destaque na geração do volume de visitas do Museu da Vida. Vamos mais além? Que tal analisarmos os dados utilizando novos filtros, tais como épocas do ano em que foram montadas; locais que hospedaram as exposições itinerantes, temas abordados e outros detalhes?

- *Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC).* A partir da pesquisa de perfil de público de museus produzida pelo OMCC, da qual o Museu da Vida foi uma das fontes, limitaremos o foco à observação desses dados produzidos por nós, procurando responder a algumas indagações: Qual o perfil dos visitantes espontâneos (visitas livres) ao Museu da Vida? Quais as motivações para a visita? Qual a opinião dos visitantes sobre a experiência de visitar o Museu da Vida?

- *A onda da Internet.* Como são feitas as contagens de acesso do público

aos sites do Museu da Vida? A importância dos contadores de acesso e o processo de evolução deste público no Museu da Vida. Quais as perspectivas para o futuro?

- *Faltas e Cancelamentos.* Muitas das visitas que são agendadas ao Circuito não se concretizam. Como se apresentaram os volumes anuais de ausências dos visitantes que agendaram visitas? Qual a diferença entre faltas e cancelamentos e por que é importante estudar estes dados? Que motivos foram os mais marcantes nas ausências e que perfil de grupo foi o mais característico desse fenômeno?

- *Com que frequência as escolas do entorno do campus visitam o Museu da Vida?* Neste primeiro número vimos que a frequência das escolas públicas na agenda de visitas ao Museu da Vida vem caindo nos últimos anos. E, dentre estas, as escolas municipais são as que demonstram o maior índice de queda. Como se comportam as escolas que se localizam na região do entorno da Fiocruz? Elas refletem esta tendência? Em que intensidade? E por quê?

- *As visitas ao Circuito, pelo olhar dos mediadores.* Tão importante quanto saber o que o público pensa sobre a visita realizada é saber como o Museu da Vida - por meio dos seus mediadores - vivenciou a mesma experiência. O Museu da Vida está implantando um sistema informatizado de coleta das informações referentes às visitas realizadas nos diferentes espaços do Circuito de Visita, do ponto de vista do Atendimento. Vamos olhar para eles?

- *Os Eventos e seus públicos.* A categoria *Eventos* ainda é, para nós, um terreno a ser lavrado com maior

profundidade. Carregado de polêmicas, que vão desde sua conceituação até a forma como deve ser mensurado, este grupo de atividades será trazido à discussão para buscar um entendimento comum sobre conceitos e métodos de apuração.

- *Menos recursos financeiros, menos visitantes.* Será mesmo verdade que a redução na entrada de recursos financeiros produz efeitos no volume de atendimento aos visitantes? O que demonstra a correlação das informações sobre estes dois grupos de dados? O que estes nove anos de existência do Museu da Vida podem revelar?

- *“Sem pessoal não dá! Ou dá?”* Vamos analisar as informações disponíveis para saber até que ponto a variação na quantidade de trabalha-

dores do Museu da Vida influencia na quantidade de pessoas atendidas. O que mais influencia: o volume global da força de trabalho ou o volume de pessoas dedicadas ao atendimento direto ao público?

- *Vamos pensar juntos?* Qual a maneira mais viável e eficaz de se registrar e controlar os dados sobre os visitantes livres, aqueles que chegam ao Museu sem marcar com antecedência e, portanto, sem se identificar?

Se você quiser participar, mande sua sugestão para nepam@coc.fiocruz.br, identificando o assunto e a sua opinião. Concorda? Discorda? Acrescenta? Quer sugerir um assunto para os próximos números? Faça contato e ajude a construir os registros da história do Museu da Vida.

Resumo desta Edição

- Gráfico 1 - A categoria “Exposições” foi a que teve a participação mais elevada no volume total de visitação presencial no período de 1999 a 2007.
- Gráfico 2 - As categorias “Exposições” e “Internet” têm comportamentos diferentes das demais atividades do Museu, apresentando saltos e quedas ao longo dos anos, enquanto as outras têm um comportamento mais linear.
- Gráfico 3 - Comparando o volume global de visitas presenciais e virtuais ao Museu de 1999 a 2007, as visitas virtuais somam 35% e as presenciais 65%.
- Gráfico 4 - As médias mensais de visitação presencial ao Museu da Vida foram mais altas em 2000 e 2006.
- Gráfico 5 - As médias mensais de visitação ao *Circuito* ao longo dos anos têm um comportamento mais constante do que as médias mensais das *Outras Atividades do Museu*, que apresentam um comportamento mais variável devido a atividades pontuais (Exposições, eventos etc.)
- Gráfico 6 - O volume de visitas agendadas ao *Circuito* tem apresentado queda ao longo dos anos, enquanto as visitas livres cresceram e, em 2007, superaram o volume de visitas agendadas.
- Gráficos 7 e 8 - Os volumes de visitação ao *Circuito*, tanto o geral quanto o de visitas agendadas, apresentaram queda de frequência no período de férias escolares (dezembro, janeiro, fevereiro e julho) nos anos investigados de 1999 a 2007.
- Gráfico 9 - Analisando o volume de visitação livre ao *Circuito* ao longo dos meses no período de 2000 e 2007, percebemos que o mês de outubro, desde 2004, vem sendo o mês de maior frequência de visitas.
- Gráfico 10 - A faixa etária de 10 a 15 anos é a que abriga a maioria dos visitantes agendados ao Museu da Vida no período de 2000 a 2007.
- Gráfico 11 - Visitantes na faixa etária de 10 a 15 anos apresentam queda no volume das visitas agendadas no *Circuito* no período de 2000 a 2007.
- Gráfico 12 - Visitantes na faixa etária de 10 a 15 anos apresentaram estabilidade no percentual de participação de 2000 a 2004, mostrando uma queda a partir de 2005, mas que se estabiliza a partir de então.
- Gráfico 13 - Visitantes do Ensino Fundamental representaram mais de $\frac{3}{4}$ do volume geral de visitas agendadas ao Museu da Vida (77%), no período de 2000 a 2007.
- Gráfico 14 - A evolução histórica da escolaridade dos visitantes agendados ao Museu apresenta um comportamento regular, sem muitas variações.
- Gráfico 15 - A distribuição das visitas agendadas pelas categorias de escolaridade varia nas quantidades, mas mantém o mesmo comportamento desde 2000 até 2007.
- Gráfico 16 - O tipo de instituição que mais visitou o Museu da Vida foi *Escolas*, representando 83% (37% escolas públicas e 46% escolas particulares).

- Gráfico 17 - Em relação a frequência relativa de grupos agendados, as escolas particulares tiveram a maior participação, superando as escolas públicas.
- Gráfico 18 - Em relação à participação das escolas públicas no volume de visitantes agendados, se compararmos o ano de 2007 com o início da pesquisa (2000), verificamos que as escolas federais mantiveram estabilidade, as estaduais um acréscimo de três pontos percentuais e as municipais queda de dois pontos percentuais.
- Gráfico 19 - Comparando o volume de visitantes das exposições temporárias e itinerantes no período de 1999 a 2007, percebemos que, de 2000 a 2006, o volume de visitantes das exposições itinerantes foi mais alto, enquanto nos anos 1999 e 2007 a situação foi inversa.
- Gráfico 20 - Comparando as exposições intramuros e extramuros, a maioria dos visitantes foi das exposições extramuros no período de 1999 a 2007.
- Gráfico 21 - No entanto, comparando o número de exposições intramuros e extramuros, as exposições intramuros foram mais numerosas que as extramuros no período de 1999 a 2007.
- Gráfico 22 - Comparando o volume global de visitantes às exposições intramuros e extramuros de 1999 a 2007, as exposições extramuros somam 90%.
- Gráfico 23 - Comparando o volume de visitantes às exposições intramuros e extramuros, percebemos que as exposições intramuros têm frequências de visitantes mais baixas, com comportamento relativamente constante ao longo dos anos, enquanto o volume de visitantes das exposições extramuros apresentam valores bem mais altos, principalmente em 2000 e 2006.

Fontes

Os dados que originaram esta edição foram coletados de fontes primárias, conforme indicadas a seguir:

- Coordenação de Administração e Planejamento do Museu da Vida (extinta)
- Centro de Recepção do Museu da Vida
- Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica do Museu da Vida
- Seção de Exposições do Museu da Vida
- Secretaria do Museu da Vida
- Seção Ciência Móvel do Museu da Vida
- Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz

Bibliografia consultada

Latorre, Maria do Rosário Dias de Oliveira; Cardoso, Maria Regina Alves. Análise de séries temporais em epidemiologia: uma introdução sobre os aspectos metodológicos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v.4, n.3, p., 2001

Lord, Barry; Lord, Gail Dexter. *The manual of museum exhibitions*. Oxford: Altamira Press. 2002

Minayo, Maria Cecília de S., Sanches, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.239-262. jul.-set. 1993

OMCC. Observatório de Museus e Centros Culturais. Pesquisa piloto perfil - opinião 2005. *Onze museus e seus visitantes - Rio de Janeiro e Niterói*. I Boletim. Rio de Janeiro: Museu da Vida/COC/Fiocruz e DEMU/IPHAN. 2006

Penna Firme, Thereza. Avaliação em rede. Disponível em: http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_set2003.cfm

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ | Casa de Oswaldo Cruz - COC | Museu da Vida
Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus - Nepam
Av. Brasil, 4365 Manguinhos Rio de Janeiro RJ CEP 21045-900
Tel: 55 (21) 3865-2121 | Fax: 55 (21) 3865-2170
www.museudavida.fiocruz.br



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Casa de Oswaldo Cruz



Museu da Vida

ISBN 978-85-85239-45-9



9 788585 239459